

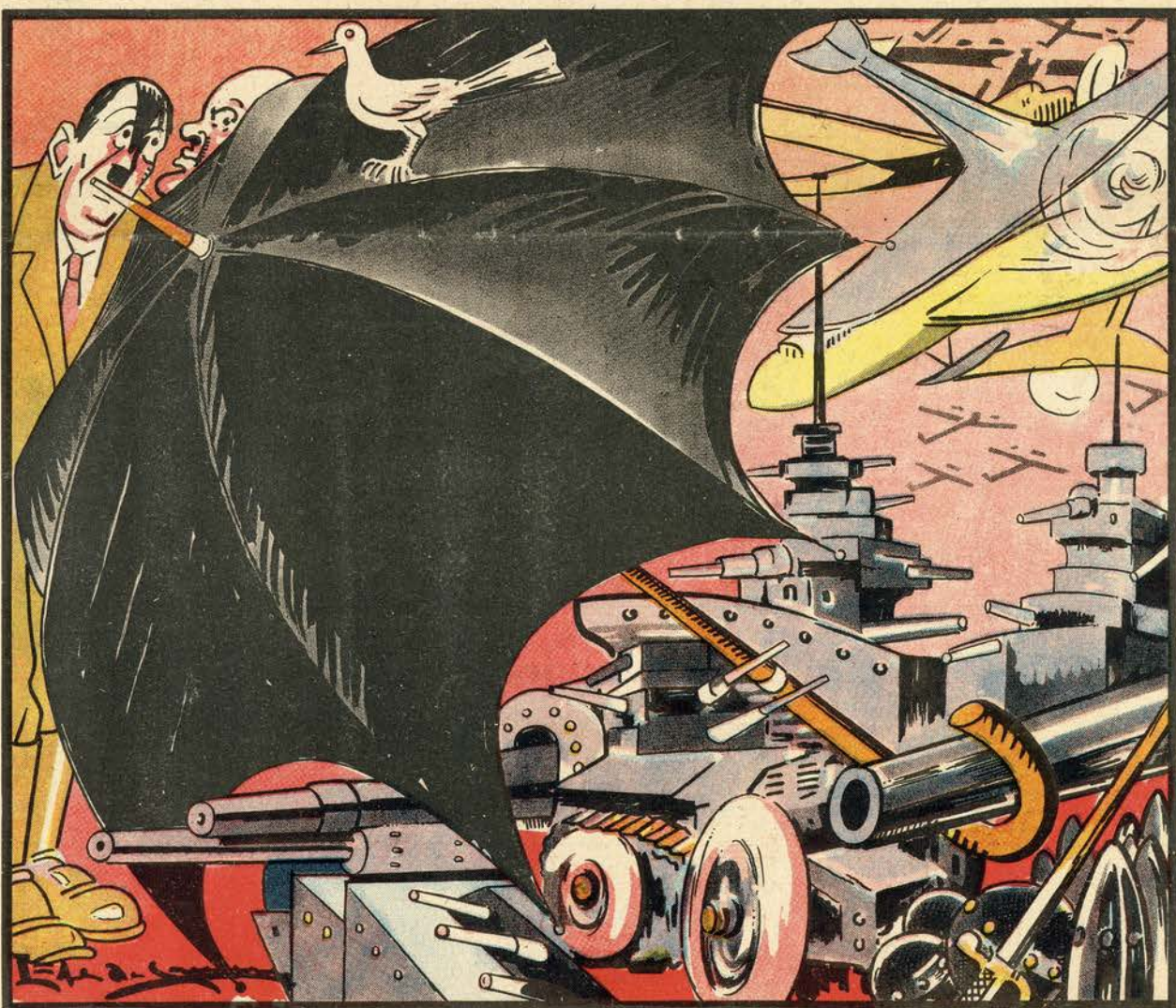
DEPÓSITO LEGAL  
1 ABR. 1939



# A RISOTA

Semanário humorístico  
Director: Augusto de Santa-Rita

O ACÔRDO DE MUNICH



E O ACORDAR DE... MONÍACO

# A RISOTA AGRACEDIDA



A Risota agradeceida aos seus leitores, ri, satisfeita, em face do sucesso que obteve a colossal tiragem do seu primeiro numero, vendido como canela.

A forma entusiastica como foi acolhido o nosso semanario, desvaneca-nos e fez-nos dar por bem empregados os nossos esforcos para que ele correspondesse a expectativa do publico. Nos combatos, nos carros electricos e, principalmente, nos cafes de Lisboa, tivemos occasiao de surpreender a risota que a Risota provocou e de ouvir os comentarios ilsongetros que originaram a pagina feliz de Arnaldo Kessano Garela, o notavel caricaturista que tao grande sucesso obteve recentemente em Paris, as caricaturas fragrantas de Amarelhe, os engracados desenhos de Arcindo e de Zeco, o espirito esfusante de Tomaz Ribeiro Colaco, — (Taco) —, de Luiz de Oliveira Guimarães, de José de Oliveira Cosme, de Arnaldo Ferreira, de Castelo de Morais, etc.,

Animada, encorajada, estimulada pelo carinhoso acolhimento dispensado ao seu primeiro numero, a Risota, puxando do seu lenco de seda, limpa o embaciado monculo com que observa e apostrofa a comicidade deste vale de lagrimas que é a Vida e, sobranceiramente, dispõe-se a prosseguir na grata tarefa de moralizar os costumes, tornando-a um vale de riso.

Bem sabemos que louvor em boca propria é vituperio mas é tal a nossa satisfacao em termos conseguido reunir em volta desta bandeira do Humorismo portuguez, que é a Risota, tantos valores dispersos e quasi esquecidos, que não podemos deixar de registar, orgulhosamente, o incontestavel triunfo.

Que Deus lhe ponha a Virtude por muitos anos e bons!



No tempo da Monarquia quando havia recepção nos salões da fidalguia, os rapazinhos de então, quando uma dama surgia, sabiam beijar-lhe a mão com a maior cortezia; e a sua conversação, tão cheia de galhardia, tinha um ar de distincção que deslumbrava, prendia à força de sedução. Falava-se em Poesia com grande admiração pelos poetas que havia nesses bons tempos de então. Toda a gente discutia as pecas de sensação que iam no D. Maria; a Damasceno, o Brazão, Lucinda, Maria Pia, Rosas; — Augusto e João, Chabi, Leonor Faria e tantos mais; ou, então, assuntos de igual valia: — os quadros em exposição, os quais cada autor vendia por bom dinheiro.

Hoje não, perden-se a galanteria, fala-se só em calão. O futebol é mania, mais que mania, paixão. Até na Telefonia a lingua é de carreção; e no Solar da Alegria só o Fado ordinário está na Ordem do dia. Mas que desconsolação!

Diabrete

# A RISOTA

Editor: FRANCISCO DE ABREU JUNIOR

Propriedade da Livraria Bertrand, S. A.—Rua Garrett, 73, 75  
Redacção e Administração: R. Anchieta, 31, 1.º—Telefone 20535  
Composto e Impresso na Lit. Tejo—Rua das Taipas, 18

## O INFIEL AMIGO

\* POR CARDOSO MARTA \*



Trecho de palestra, em sarau promovido pelo grupo de Humoristas portugueses, no Grémio Alentejano, em 4-2-1939.

A palavra bacalhau foi — quem tal diria! — inventada em Portugal. Em Portugal, sim, Senhoras e Senhores. Foi no Minho, terra do caldo verde e vinho caspas. Conta-se em duas palavras. Certo rapaz era doidinho por carne de vaca, que ele à moda local, dizia *baca*. Mas — coitado! — nunca ou quasi nunca lhe punha o dente. O que lhe davam, volta e-meia, as refeições, era bacalhau que, então, como hoje, chamavam o *fiel-amigo*, ainda que, diga-se de passagem, a sua fidelidade anda muito desacreditada. O catraio berrava como um vitelo desmamado, a pedir *baca* e mais *baca*, e os pais faziam ouvidos de mercador e iam-lhe impingindo o bacalhauzinho da ordem, mal demolhado e mal cozido, que o garoto achava duro como um chavelho. E vá de choramingar:

— Já estou farto disto! Eu queria mas era *baca*, — ¡e, afinal, dão-me um *calhau* para roer!

Com a penetração de que V. E.<sup>as</sup> são dotados, já estão vendo tudo; de *baca* e *calhau* formou-se *bacacalhau*; em seguida, por um conhecido fenómeno linguistico, as duas indesejáveis sílabas centrais ficaram reduzidas a uma, e surgiu, gloriosa e triunfante, a desafiar os séculos e o apetite, a sonora palavra *bacalhau*.

De tal sorte entrou depois este peixe nos usos e costumes, que invadiu todos os distritos da actividade humana: o comércio, a industria, a sociologia, as artes, as letras, as finanças, a politica e até... a semántica. A semántica, sim, meus Senhores. Qual de vós não ouviu alguma vez dizer, ou não terá dito, tornando extensivas as qualidades e defeitos do bacalhau à especie humana; «Que magro que é F. ! Um verdadeiro *bacalhan* ? » ¿ E acaso algum

de vós ignora a canção brasileira, que diz:

*Quem casa com mulher gorda  
todo o ano tem tutano;  
quem casa com mulher magra  
tem bacalhau todo o ano ?*

Dia a dia, hora a hora, nas ruas, nos jardins, nos cafes, eu deparo com exemplares da fauna barbuda, que presumem de bem educados, sacar da luva, contra a etiqueta, que exige só tirar-se dentro de casa, e estender-nos... o *bacalhau*...

Demais disto, a cada passo me acotovelos com « *bacalhau* » que deslizam nos asfaltos de Lisboa. Reporto-me à magreza dalgumas figuras, figurinhas e figurões do meu conhecimento, que podemos comparar a bacalhau ambulantes, dada a escassez de tecido mole que lhes veste a ossatura, sem que tal lhes perturbe as linhas de aprumo e elegância que a sorte vária lhes distribuiu. E começando pelas damas, como a lógica, a precedência e as boas-regras mandam, cá temos a nossa gentil camarada Lima Cruz, o bacalhau artistico; a notavel escritora D. Laura Chaves, o bacalhau poetico; a actriz Constança Navarro, o bacalhau cénico; e tantos outros. E do sexo feio chamarei a pedra, entre muitos, o illustre Matos Sequeira, o bacalhau arqueológico; Augusto Pinto, o jornalístico; o Dr. Oliveira Guimarães, o bacalhau juridico; o pianista Jaime Silva, o bacalhau musical; o pintor Armando de Lucena, o bacalhau com barba... tanas; Finalmente, não é justo nem curial deixar fora deste costal de bacalhau o que deveria de ir em lugar cimeiro, ou seja um nosso conhecido e assás discutido estadista e financeiro, esse mesmo que acudiu agora à lembrança de V. E.<sup>as</sup>, que está presente às nossas lucubrações: — a esse chamaremos o bacalhau económico. E o Zé Povinho; não o poderemos tambem ementar de bacalhau... albardado?

— Mas nenhum desses bacalhau é comível, oporão V. Ex.<sup>as</sup>.

— Perdão, meus Senhores; o último é, e bastante. Mas está tão habituado a ser comido que já se não queixa. Quanto aos outros, se não são papáveis, nem com molho à espanhola, não é porque se não possam comer, mas porque não deixam. É peixe que morde a isca... e cospe no anzol.

Isto na semántica. Na política, que me lembre, conheço o tão prometido bacalhau a pataco, esse ditoso bacalhau que V. Ex.<sup>as</sup> nunca chegaram a deglutir — nem eu — ou porque já não há patacos, ou porque os bacalhau fizeram greve e emigraram *in partibus infidelium*.

É o bacalhau um peixe que não é



# ACOCA



Poucas coisas haverá tão caustitantes como esta terrível praga dos fotografos ambulantes que, nos passeios mais concorridos desta patusca capitalzinha que é Lisboa — (os amigos da mesma me perdoem a adjectivação) — andam atirando à cara de cada um as objectivas das respectivas *kodaks*, com o objectivo objecto de caçarem os bem caçados transeúntes papalvos.

O ar irónico e irreverente com que assestam a lente e a maneira pimpona, ao mesmo tempo exageradamente amável e absolutamente atrevida, como estendem o papelucho que serve de levantamento da vera efigie dos tansos que caem na esparrela de quererem documentar a expressão palerma de basbaques, com que andam deambulando pela «Baixa» a fingirem da Alta — (este pedacinho de proco nortocida mas castiça, até parece da autoria do escritor Carlos Parreira, por quem, temos, aliás, a mais sincera admiração) — está a pedir uma vassourada da Câmara Municipal ou uma agulheta da Associação dos Bombeiros Voluntários.



# ZUM \* ZUNS

Diz-se que a «Auto-Mecânica de Portugal», como último recurso, vai instalar os seus escritórios no Supremo Tribunal de Justiça, onde o sr. Plínio Silva já reservou um gabinete para dormir.

Mas aí se o *acórdão*...

Diz-se que a Comissão Nacional de Turismo vai determinar que as camas de todos os hotéis de Portugal, em 1989-1940, deixem de ter perceijos, para evitar as comichões de Turismo.

Consta que parte brevemente para a Itália, a fim de tomar parte num Congresso Internacional de Canto, representando este canto da Europa que é Portugal, um grupo de fadistas de um dos vários retiros de Lisboa, que já deviam estar retirados há muito tempo.

peixe; pois tanto se despiu da personalidade própria, que é vulgaríssimo ouvirmos: «Hoje não há peixe ao almoço. Mas temos uma riquíssima bacalhoadá» O que não deve causar-nos surpresa, porque raros são os que o viram sob o seu natural aspecto de primo da pescada, e com ela parecido; chegando a ignorância de muita gente a supor que ele já sai do mar com a lisonomia que tem nas mercearias. Se eu já cheguei a convencer um parólo das berças, que há lá fora oceanos de águas tão quentes, que o bacalhau já sai de la cozido! E vamos, que fui moderado na informação, porque muito bem podia ter-lhes apançado que até já trazia batatas.

Cardoso Martha

# Na berra

? ...

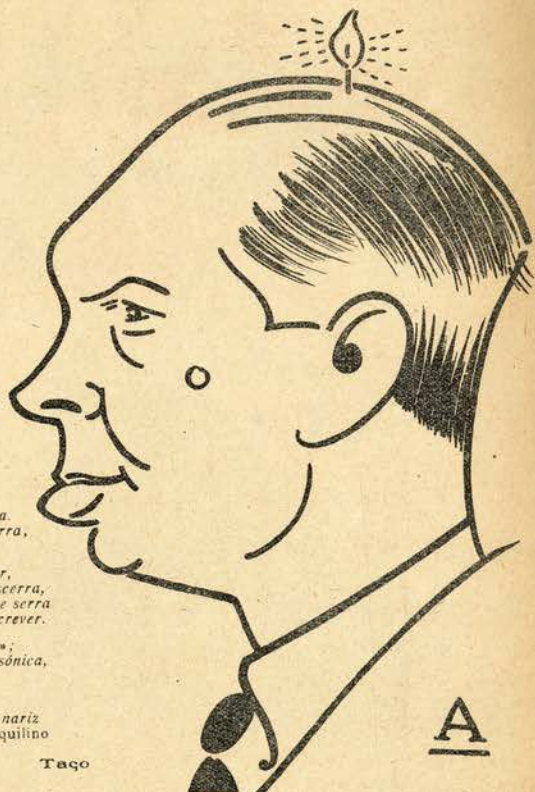
Uma fraga da Beira a florescer...  
Alguem o disse, e este retrato a encerra.  
Pedra e seivas rugindo em som de guerra,  
firmeza eterna, e eterno renascer.

Por sua exaltação e seu poder,  
nos violentos cenários que descerra,  
refletem-se a cantar planura e serra  
num ribeiro... de tinta de escrever.

Ha pouco ainda êle nos deu a «Mônica»;  
quando uns lhe chamam clinica, outros sônica,  
êle sorri, calado e sibilino;

porque, seja feliz ou infeliz,  
para meter numa alma o seu nariz  
ninguém tem o nariz tão... aquilino

Taço



# DICIONARIO PITORESCO

Por Taço



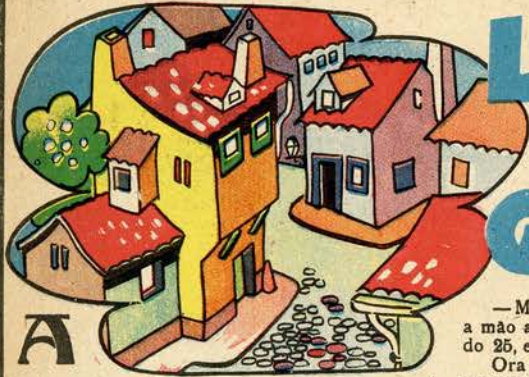
A

Continuação do primeiro número

- Abaixar** — Operação dolorosa, quando no-la fazem à grimpa.
- Abaixo-assinado** — Papel em que um diz o que quer e os outros concordam.
- Abalar** — Termo agrícola, (V. Cavar).
- Abalizado** — Conhecedor. Distinto. Superior. — Diz-se de um campo de futebol.
- Abalo** — Trecho musical, muitas vezes executado no píforo.
- Abalroamento** — Conflito de «próas».
- Abanano** — Estado em que fica o que apanhou dois bananos.
- Abanão** — O mesmo que sacudidela. É o despertador dos pobres.
- Abanar** — Maneira de apanhar fruta sem subir às árvores. — Também acontece aos dentes.
- Abancar** — Atingir, finalmente, uma posição boa para comer.
- Abandonar** — Maltratar o anzol depois de ter comido a isca.
- Abandonar** — O avêso do amor.
- Abano** — Círculo de palha a quem os que tem boca mandam assoprar, quando querem acender o fogareiro.
- Abantesma** — Mulher feia e velha que não desiste. Andam muitas pelo Chiado.
- Abarbelar** — Ensinar a um cavalo a regra de bem viver.
- Abarbarar** — Chamar coisas bonitas á mochila.
- Abarcar** — Levam muita coisa a ir na barca, ou no bote.
- Abarracamento** — Urbanização feita por campistas.
- Abarroter** — O que faz à burra quem não é burro.
- Abastado** — Personagem antigo que tinha dinheiro.
- Abastarder** — Atirar com a pureza às malvas.

- Abatimento** — Obtem-se nas lojas, mas pode ser causado por uma mulher.
- Abatixi** — Planta aquática do Amazonas, que deve ser diurética.
- Abc** — O Princípio do Sr. Rocha Martins.
- Abcesso** — Gengiva com a mania das grandezas.
- Abd-el-Krim** — Moiro turbulento, que vivia no Rif; a Franca rifou-o para êle não cometer mais Krim's.
- Abdicar** — Passar a ser «ex».
- Abdomen** — Termo latíno que designa o fulcro das ambições humanas.
- Abêbera** — Os dicionários dizem que é o mesmo que bêbera, mas não dizem que é costume chamar-lhe um figo.
- Abecedário** — Um quarteirão de letras.
- Abegoaria** — O lugar em que êles moram.
- Abel** — O primeiro homem que teve a habilidade de ser assassinado.
- Abelha** — Único trabalhador a quem honrmos por fazer cêra. Ascendente do maestro Raul Ferrão, entre outros.
- Abelhudo** — Homem de nariz comprido que tem a mania de o meter na vida alheia.
- Aberração** — Preocupação de fazer tudo ao contrário.
- Aberta** — Parêntese em que não chove nada.
- Abertura** — Sensivelmente o mesmo que um buraco.
- Abespilhar-se** — Não achar piada nenhuma a uma piada.
- Abexim** — Italiano africanado.
- Abichar** — Realizar uma sonha palpavel.
- Abismo** — Mulher bonita.
- Abissinia** — Deserto que apanhou um *duche*.
- Abjecto** — Objecto de desprezo.
- Abjurar** — Aderir ao contrário.

Continua no próximo número



# LARGO DA GRAÇA

## A GRALHA

Mas que fatalidade, embora vos custe a acreditar, foi para mim um aborrecimento a morte inesperada da mãe de minha mulher.

A pobre senhora sentira-se indisposta súbitamente e, antes que chegasse o médico, chamado à pressa, depositava a alma nas mãos do Criador.

Imediatamente prevenida, minha mulher partira no primeiro comboio, de madrugada, deixando-me contrariado por não poder acompanhá-la, em virtude de um encontro marcado para esse dia em minha casa, a um importante industrial de um ponto afastado da província, que vinha já a caminho da capital, propositadamente para falar comigo.

Fiquei completamente só, porque a nossa criada, velha serviçal da maior confiança, pedira, na véspera, licença de três dias, para se ausentar à sua terra, a fim de assistir ao casamento da filha mais nova.

Enfim: uma série de acontecimentos, que pareciam propositadamente encadeados para me ralar a paciência...

Como não sabia a hora certa a que chegaria a pessoa que aguardava, resolvi ficar em casa, aproveitando a oportunidade para pôr em ordem a papelada da minha secretária, e dispôsto a aceitar como almoço uns restos de carne assada do jantar da véspera.

Aí por volta das dez horas, retinieui a campainha da porta.

—E' êle! — pensei.

Mas enganara-me. Na minha frente, erguia-se o corpanzil de um individuo rubicundo e sorridente, com certo ar de enleio, cuja fisionomia não me era de todo desconhecida, embora não conseguisse precisar, de momento, quando e onde já a teria visto.

—Muito bom dia! — disse-me, levando a mão ao chapéu — Eu sou o vizinho aqui do 25, e...

Ora aí estava! Conhecia o da porta do seu estabelecimento, — talho e salsicharia, — a cujos umbrais mais de uma vez o vira encostado, quando as mil preocupações que constantemente me pejam o cérebro, me permitiam, no percurso quotidiano para o escritório, dispensar um pouco de atenção às pessoas e coisas que me rodeavam.

Contudo, estranhei a sua presença, tanto mais que sabia não ser o nosso habitual fornecedor de carne.

Diga-se, de passagem, que eu morava no sítio há pouco mais de um mês.

Mas o homem concluiu a sua proposição:

—... e vinha por causa do anúncio... Não sei se incomodo, mas...

Fez-se luz no meu espirito! Mais essa! Com a acumulação de tantos e tão rápidos acontecimentos, varrera-se-me, por completo, a tal história do anúncio!

Mais providente fôra minha mulher, que, no momento da despedida, não se esquecera de me recomendar:

— Se vier alguém por causa do anúncio, já sabes o que deves dizer.

A incumbência, na verdade, não era das mais difíceis; mas confesso que me desagradava sobremaneira ser forçado a tratar de assuntos que não diziam respeito ao meu sexo, e muito menos de me intrometer nos negócios de minha mulher.

Tratava-se de uma linda pele de rapôsa, que eu lhe oferecera em tempos, quando da nossa estada em Paris, e que ela achara por bem vender ou trocar, em face de uma nova moda de que eu não fazia a menor ideia.

Resolvido a desempenhar a minha missão o melhor possível, convidei o pretendente a entrar para o escritório, ofereci-lhe uma cadeira, que êle 'ocupou com certo constrangimento, e sentei-me à secretária.

— Suponho, — disse-lhe, — que não serão precisas muitas palavras para entrarmos em negociações...

— Sem dúvida. — respondeu-me, levemente embaraçado — E agora estou eu a pensar... Sim... Que diriam os nossos avós se nos vissem a tratar de semelhante transacção...

Não pude evitar um sorriso.

— Na verdade, — redargui, — tinham tãda a razão para mostrar certa estranheza...

— Pois não tinham? — continuou, mais animado — Até para se declararem ofendidos! Mas os tempos são outros, e a força das circunstâncias, às vezes...

— Pois claro, pois claro! Ora eu, meu caro senhor, preciso saber primeiro qual das modalidades prefere: venda ou troca?

— Não faço questão; mas, se não lhe causa transtôrno, opto pela segunda.

— Como quiser. Também lamento não poder mostrá-la agora; mas não sei se sabe que minha mulher...

— Não tem dúvida, não tem dúvida! Eu já a vi, por várias vezes, e acho, pela minha parte, que poderemos fechar o negócio.

— E sua mulher, que diz?

— Ela não sabe que falei com V. Ex.ª...

— Sim. Não podia prever que...

— Exactamente! Mas o que eu fizer está bem feito.

— Muito bem. Resta-me, agora, saber se...

—... Se lhe convém a outra...

— Tal qual!

— Eu lhe digo com tãda a franqueza:



Nova, nova, já não é...

— Isso também acontece à minha.

— Bem sei; mas está mais bem conservada... Porém, o que posso afiançar-lhe é que ainda dura muito.

— Acredito. Agora, desculpe a pergunta, mas já vê: preciso de conhecer todas as particularidades... Diga-me: e a respeito de traça?... Muita?

— Nem por isso... Não vê que eu tratei-a logo de principio... De modo que...

—... Tem o pêlo bem conservado...

— Exactamente! — E, soltando uma gargalhada, o meu interlocutor acrescentou — Já vejo que o cavalheiro é mestre no assunto...

— Não. — repliquei, modestamente — Eu pouco sabia ou quasi nada... Minha mulher é que me deu umas explicações e...

Muito bem, muito bem! Ora parece-me que o negócio está, por assim dizer, fechado.

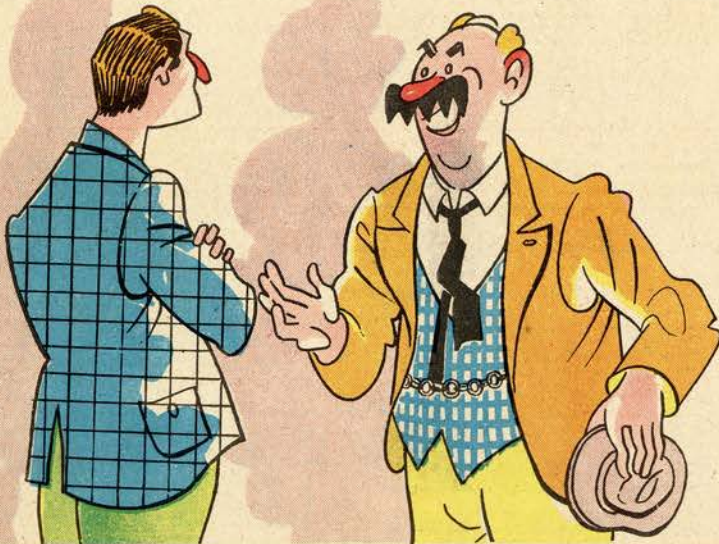
— Também o creio; permita-me ainda uma pergunta...

— Queira dizer.

— A sua é facilmente domável?

— Que quer V. Ex.ª dizer?

— Sim. Pergunto se se enrola sem perigo de maior...



# As obras de Belem



ARCINDO

- «Eu venho saber se a minha lojeca também vai ser demolida.»
- «Se fica para cá da «Casa dos pastéis», vai. Se fica para lá da «Casa dos pastéis», não vai.»
- «Mas se é, precisamente, a «Casa dos pastéis?!»



Sua Ex.ª

ARCINDO

## O Guarda-Chuva de Chamberlain

A ENTREVISTA DA SEMANA

Tem-se falado muito, de há um tempo a esta parte, no guarda-chuva de Chamberlain. Há quem afirme que esse guarda-chuva de seda preta, sem qualquer característica especial, está longe de constituir um atributo olímpico mesmo nas mãos dum primeiro ministro britânico; mas esta afirmação não corresponde, de certo modo, à realidade dos factos, pois todos nós sabemos muito bem qual tem sido o papel exercido por

esse guarda-chuva, em ocasiões particularmente difíceis da política nacional e, sobretudo, internacional, como companheiro inseparável do chefe do governo britânico. Ao contrário do que muitos pensam talvez, o guarda-chuva de Chamberlain não constitui um vulgar incidente da sua indumentária; constitui um prolongamento da sua própria personalidade. E' uma forma da sua prudência. E' uma expressão da sua filosofia. Dir-

se-á que esse guarda-chuva não é, bem longe disso, o melhor expoente para um homem do século XX, decerto vertiginoso por excelência, e muito menos quando esse se encontra à frente dos destinos aerodinâmicos do maior império do mundo; mas, se assim é, não é menos certo — e nisto reside a sua maior virtude — que ele realiza o símbolo perfeito dum inglês fleumático e cauteloso para quem a melhor política é a da pru-



ZECO 39

— Ah! Por esse lado esteja absolutamente tranqüilo! . . . Porém, como sou um negociante que se preza, reconheço que o cavalheiro ficaria lesado se fizéssemos uma simples troca . . . Não quero que mais tarde me chame trampolheiro;

por isso, entregar-lhe-ei em dinheiro, mil escudos! Acha bem? . . .  
 — Perdão! Mas eu não esperava . . .  
 — Vamos! Diga com franqueza: parece-lhe pouco?  
 — Pelo contrário, meu caro senhor!

Entendo que não devo . . .  
 — Bom Então, não se fala mais nisso! Pronto! Aqui estão os mil «barrotes»!  
 — Mas . . .  
 — Eu cá sou assim, cavalheiro! Não gosto de perder muito tempo com estas  
 (Continua na página 7.)

# A BOLA É REDONDA

**P**ara preparar a Selecção Nacional que, em Maio e Junho próximos deve jogar com a Noruega e com a Suécia, o sr. Cândido de Oliveira expôs já os seus projectos, afirmando que seria conveniente um estágio de três semanas para a equipa.

Os jogadores que, devido às suas profissões, — como se eles não fôsem amadores! — não pudessem permanecer durante o dia no local do estágio iriam, à tarde, juntar-se e jantar com os seus companheiros.

Aos domingos jogariam pelos seus clubes e à noite voltavam para o estágio, onde trocariam impressões e fariam as pazes de qualquer incidente ocorrido durante o desafio da tarde...

A ideia é boa — ou não viesse de Cândido de Oliveira! — e só merece louvores, pelo espírito de equipa que se podia criar entre os mais fígadais adversários: mas, aqui para nós, ha um facto que julgamos de difícil realização e que visa os seleccionados do Porto: como são também amadores e têm — embora isso pareça um paradoxo em tamanho natural — as suas profissões na Invicta, ¿ como iriam eles todos os dias para os emprégos e, daí, para o estágio?

Só se o local para a tal preparação fosse nos arredores do Porto; ¿ e, nesse caso, os seleccionados de Lisboa?

A não ser que uns e outros pedissem uma licença ilimitada e fôsem estagiar para o Estoril.

Assim, sim; com o Casino ali à mão... até aprendiam a jogar!

Quem ganhou?

O Campeonato Nacional da Bola está agora no seu estado mais interessante e quasi a dar à luz o campeão.

Porto, Sporting e Benfica encontram-se em condições de ganhar o almejado titulo.

As respectivas *clagues* fazem contas mentais com as cabeças dos dedos, somando pontos, vaticinando *goals*, idaliando mil e uma probabilidades de êxito, cheias de esperanças.

— O Porto ganha! — afirmam os tripeiros.

— Ganha o Benfica! — exclamam os bichos de seda.

— Quem vai ganhar é o Sporting! — gritam os leões.

Pois, se nos dão licença, vamos dizer quem ganha:

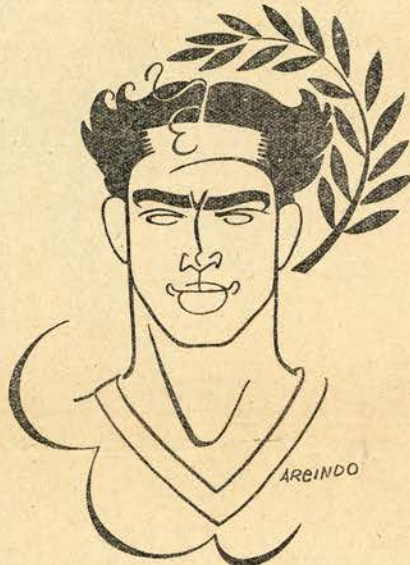
— É a Federação!

Essa é que nunca perde!

## Mudanças

Consta que o Benfica, o Sporting e os Belenenses vão perder os seus actuais campos de jogos, num futuro muito próximo, sendo-lhes cedidos, a titulo de indemnização, terrenos na serra de Monsanto.

## PERFIS



O Benfica disse assim, quando este ás apareceu:  
— «Quería guardá-lo p'ra mim e afinal... é Peyro... teu!»



Assim, Benfica, Sporting e Belenenses passarão — isto de *passarão* não é piada! — a chamar-se: Sport Lisboa e Monsanto, Sporting Clube de Monsanto e F. C. Os Monsanto.

Como vêm, Monsanto vai passar a ser a serra mais desportiva de Portugal, e é a maneira de levar o público à serra...

## Gá e lá

Lá fóra, o verdadeiro desportista não fuma, não bebe vinho nem outras bebidas alcoólicas, deita-se com as galinhas e levanta-se com os galos...

Cá dentro, o verdadeiro desportista fuma como um marinheiro, bebe como um homem, deita-se com os guarda-nocturnos e levanta-se... quando o acordam.

## Cavalarías

Para representarem o País nos próximos concursos hipicos de Nice e Roma foram *apurados para cavalaria* dez cavaleiros e três cavalos (um dos cavalos parece que é... uma égua...).

Como estão lendo, sobram os cavaleiros mas faltam os montados.

E nós, que estamos convencidos do contrário...

## Á ultima hora

A' hora de fecharmos esta muscular e sadia secção, tivemos uns zunzuns que nos dão que pensar. Nada mais, nada menos do que isto: — «Nenhum *onze* português pode ir bater-se no Estrangeiro com o nome de Selecção Nacional!

A ser verdadeiro o boato, não é caso para que os seleccionados — e comitiva do passeio à Suécia e à Noruega, desanimem.

Em vez de Selecção Nacional passa a chamar-se *Grupo Excursionista e Recreativo Os Onze Amigalhões*... e vai tudo, minha gente!

Zé do Pião

dência e cuja maior força advém, precisamente, da sua espantosa serenidade. Esse vulgaríssimo guarda-chuva de seda prêta, não deixa, pois, de ser, neste momento, o intérprete fiel — tanto como Chamberlain o é de todo o povo inglês — de algumas dezenas de milhões de guarda-chuvas que, espalhados por esse mundo, a outra coisa não aspiram que não seja viver em paz, na integridade das suas varetas.

Uma entrevista com o guarda-chuva de Chamberlain seria, em qualquer altura, uma entrevista curiosa: no momento que passa é, incontestavelmente, uma entrevista oportuníssima. Pois bem. De Lisboa a Londres são hoje poucas horas de avião. Não havia que hesitar.

Quem tiver estado na capital inglesa conhece, certamente, a casa dos primeiros ministros, em *Downing Street, 12*. É uma casa de aspecto vulgar, quasi modesta, situada numa rua estreita, construída, segundo tódas as probabilidades, no século XVIII, e que nada tem de extraordinário a não ser isto: — viverem ali os primeiros ministros britânicos. Foi numa

das salas dessa casa — na sala quasi minúscula, envidraçada, em que Lloyd George costumava trabalhar — que o guarda-chuva de Chamberlain teve a deferência de receber-me e de dizer-me algumas palavras.

— Como sabe tenho de ser discreto. A circunstância de andar no braço do primeiro ministro, sir Neville Chamberlain, impõe-me, naturalmente, como compreende, deveres de discreção a que não posso faltar.

— Duas perguntas apenas.

— Ao seu dispôr.

— Quem vencerá a nova guerra?

— Partindo do princípio de que uma nova guerra é inevitável, o triunfo pertencerá a quem mais serenamente souber esperar a vitória final: a Jónh Bull, portanto. Já viu coisa mais fleumática e mais patriarcal do que um guarda-chuva, mesmo encharcado até aos ossos? Pois bem. É o símbolo da serenidade inglesa. É por isso que o sr. Chamberlain me leva sempre consigo. Para onde ele fór, vou eu. E — veja lá — suceda o que suceder, o sr. Chamberlain nunca devia,

sob a minha sombra obscura, — de pescar as suas trutas...

— Em todo o caso, recentemente, o órgão do ministro da Propaganda da Alemanha...

— Eu sei. O órgão do dr. Goebbels não compreendia como se podia arvorar em símbolo da paz uma coisa que, em caso de tempestade, não abrigaria senão uma pessoa... Simplesmente em Inglaterra não há só o guarda-chuva do primeiro ministro: cada súbdito de sua magestade tem o seu...

Fiz, em seguida, a segunda pergunta:

— Quais as suas tendências políticas em matéria internacional?

Sorriu.

— Um guarda-chuva, em Inglaterra, à semelhança de todo o bom inglês, não tem opinião formada sobre politica internacional. Depende do tempo. Eu, por exemplo, umas vezes sou guarda-chuva, e outras guarda-sol... Como lhe disse, depende do tempo...

— E agora? — perguntei eu.

O guarda-chuva de Chamberlain olhou-me, franziu ligeiramente a seda

# BONECOS ANIMADOS

JORNAL SONORO

Felizmente que vão melhorando um pouco os jornais sonoros que a produção estrangeira põe, semanalmente, perante os olhos dos lisboetas curiosos.

Algumas coisas de novo neles encontramos, o que nos leva a acreditar que é maior o cuidado na sua selecção. E até mesmo o menor espaço de tempo entre o facto e a sua projecção no ecran, nos demonstra que Portugal passou a merecer mais alguma consideração aos exibidores estrangeiros...

Há tempos, um amigo declarou-nos que tendo ido, em duas noites a seguir a cinemas diferentes, ficou pasmado ao verificar que os respectivos jornais sonoros apresentavam factos diferentes. E explicou:

— Num deles, aparece-nos o sr. Daladier a pôr um ramo de flores no túmulo do soldado desconhecido e o sr. Hitler a discursar a favor da Paz. Mas no outro, felizmente, já tudo é diferente: E' o sr. Hitler quem põe o ramo de flores no túmulo do soldado desconhecido e o sr. Daladier é que discursa a favor da Paz...

## FILMES PORTUGUESES

A's mesas do café mais frequentado por cineastas portugueses, continua a falar-se, animadamente, em muitas novas produções nacionais.

E, a par de alguns realizadores já experimentados, outros nomes são falados, o que prova que novas pessoas parecem dispostas a dar ao cinema a sua actividade.

Ca por fóra, em factos positivos, nada vemos. Mas, em compensação, no café, fala-se muito.

E, se é certo que o futuro do cinema português está no café, ele deve ter, indiscutivelmente, um grande futuro... O café, é claro.

Fala-se, com insistência, no primeiro filme português de *Bonecos Animados*, o que nos custa a crer que se realize.

Não porque seja difícil encontrar os bonecos, mas sim pela dificuldade que há em animá-los...

Se se tratasse de *Bonecos Desanimados*, era outro caso...

A propósito do Chevalier ter sido condecorado com a Legião de Honra, falou-se por aí na justiça que seria condecorar vários cineastas portugueses.

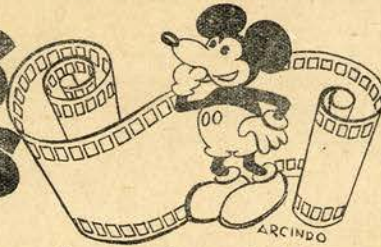
enrolada e respondeu-me, despedindo-se de mim:

— Agora estou quasi armado em bengala...

Terminara a entrevista. Londres chovia. Por todas as praças, por todas as ruas, cruzavam-se guarda-chuvas altivos, serenos, sob o nevoeiro que enso-pava...

*Luiz d'Oliveira Guimarães*

A LIVRARIA BERTRAND, a mais antiga do País, R. Garrett, 73-75 - Lisboa, remete pelo correlo, à cobrança, todos os livros que lhe sejam pedidos, nacionais ou estrangeiros. Remete-se Catálogo, grátis.



Parece, porém, que havia tantos com jus a tal distincão, que foi preciso desistir! E' que... não havia condecorações que chegassem!...

## O DIVÓRCIO NO CINEMA

Há pessoas que, por lerem tódas as disparatadas notícias que as agências americanas de publicidade nos enviam, acreditam que as vedetas do Ecran passam a vida a divorciar-se. E afirmam e garantem que aquilo é uma vida desgraçada, uma miséria moral... dourada à força de dólares.

*Ribalta*



Actor por nascimento, este é dos grandes, devido ao seu valor, ao seu talento. O pior é que, além de Nascimento, é qual simples anónimo: — Fernandes.

Diabrete

A GRALHA (Continuação da pág. 4) coisas, porque, como dizem os ingleses, o tempo representa dinheiro... E agora, se me dá licença, retiro-me. Tenho o estabelecimento entregue aos rapazes, e isto de empregados, já dizia o outro: Mestre fóra, dia santo na loja... E fica assim combinado: amanhã faremos a troca. Não mando a minha hoje, porque ainda é precisa esta noite... Passe muito bem, cavalheiro, e muito prazer em conhecê-lo pessoalmente! Por quem é... Não se incomode... Eu já sei o caminho... Muito bom dia e obrigado...

Uff!... Até que enfim! O diacho do homem falava pelos cotovêlos! E que teimosia aquela de me deixar o dinheiro!... Mil escudos... Afinal de contas, minha mulher ia ficar satisfeítissima com o negócio, porque, embora a outra pele fosse

Sempre que tôpo, no meu caminho, algum dêsse campeões da má-lingua, e me fala no divórcio da Paulette Godard, da Sullavan ou da Crawford, atiro-lhe logo à cara com o nome duma estrela que nunca se divorciou: — a Shirley Temple!...

## FILMES DA GUERRA

Em Hollywood fez-se a exhibição privada dum novo filme da guerra, ainda sem legendas E, no final, um jornalista estrangeiro, que assistiu, perguntou ao produtor:

— Isto passa-se na Guerra entre que países?

— Ainda não sabemos, — responderam-lhe. Estamos à espera que rebente a Guerra...

## CONFUSO...

As Ligas Pró-Moral americanas, declararam, há tempos, nos jornais, que iam proibir os beijos no cinema.

Não explicaram, porém, se se referem a beijos durante as filmagens, a beijos no filme ou a beijos na plateia!

Só assim beijos no cinema — fica se sem perceber nada!...

## FILHOS...

E' agora moda, entre as vedetas americanas, adoptarem crianças.

Se a moda se estende a Portugal, não faltará quem queira ser filho da Beatriz...

## O CINEMA E FILATELIA

Ao mesmo tempo que o Governo Sueco pensa em emitir selos com a effigie de Greta Garbo, na terra onde Clark Gable viu a luz do dia, começaram a pôr nas cartas, um carimbo que diz assim: *Terra onde nasceu Clark Gable*.

Vão-se preparando os filatelistas portugueses para coleccionarem as séries da Maria Paula e da Mirita...

## PREVIDÊNCIA...

Nalguns estúdios americanos, as vedetas, em virtude da miséria em que estão morrendo vários antigos artistas (e o último exemplo foi o do infeliz Moujouskine) resolveram exigir que as casas produtoras lhes garantam a velhice!

Com os insignificantes ordenados que as estrelas recebem, é justissimo!

São muito mal pagas, coitadinhas!...

*João Negativo*

ordinária e não estivesse já em muito bom estado, a que eu lhe oferecera custara muito menos...

Decididamente, tinha nascido para o comércio de peles!

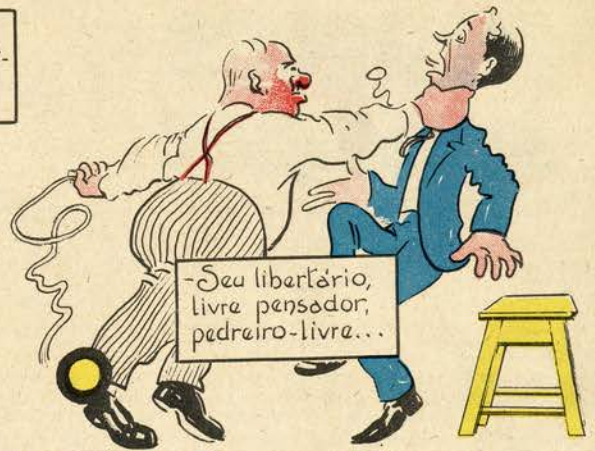
Satisfeito, senti a curiosidade de ler o anúncio que mandara publicar, e que ainda não tivera oportunidade de ver. Abri o jornal, e, por um daqueles acasos tão frequentes, embora pouco fáceis de explicar, saltou-me imediatamente à vista a morada da minha casa.

Mas, de subito, empalideci ao ler o título... Esfreguei e tornei a esfregar os olhos... Mas lá estava, o «normando» do mais rechonchudo: ESPOSA. *Vende-se ou troca-se, em bom estado de conservação, Rua de tal, n.º tantos...*

Nesse momento, souo novamente a campanha da porta...

Então, ao passar em rápida revista toda a minha conversa com o dono do talho, senti um estremecimento de horror, agarrei no chapéu e no sobretudo, e fugi... Fugi, com risco da própria vida, descendo pelo cano de esgôto que passava junto duma janela das traseiras...

*José de Oliveira Cosme*



# A / CRITICA

(ANNO DOMINI MCMXXXIX)

